



Murilo. *A madona e o menino Jesus*

Apesar de tudo, é Natal no Brasil

Eis que vai-se aproximando o Natal e se anunciando o fim de mais um ano. Mas é um final estranho, porque os fatos, ao mesmo tempo em que nos atropelam com as suas novidades, parecem se repetir. Fica-nos a sensação de que a notícia nova de alguma maneira é nossa velha conhecida; a dúvida se o Brasil está saltando de uma crise para outra ou dando continuidade àquela crise inaugurada quando um aliado do governo, encurralado por denúncias, resolveu denunciar; o sentimento de que já contemplamos esse mesmo cenário anos atrás. Será que se conseguiu “o milagre de transformar crise em rotina?”* O fim do ano está nos colocando em uma roda-viva?

A primeira entrevista do presidente Luiz Inácio da Silva, frente às câmeras da televisão, tão reclamada e ansiada nesses três anos de governo, provocou discussões, avaliações contraditórias e acabou aumentando as nossas

incertezas. Não apenas permanecemos com as desilusões daqueles que esperaram mudanças, que acreditaram na história do homem e do partido, que se sentiram traídos, mas nos frustramos também quanto à esperança de reais esclarecimentos pelo mandatário da Nação. Vimos negativas para o que já havia provas e testemunhos, vimos condenação para o que antes havia se aceitado como erro menor, vimos a atribuição da crise ao “denuncismo”, vimos a desqualificação das evidências. Mas é preciso concordar com o presidente quando diz que o Congresso e o país não podem parar por conta dos escândalos e investigações e que é preciso apurar tudo. E, neste período de festas, ficamos com a melancólica sensação de que tudo poderia ter dado tão certo...

E vai dar. Podemos festejar. Não são os outros aqueles que decretarão o fim das nossas utopias e das nossas esperanças. Nós somos os donos delas. São elas que vão continuar movendo as nossas ações, as nossas lutas, e até as nossas raivas, a santa ira dos justos. Este Natal que se aproxima, renovando a fé, a crença, o otimismo, a solidariedade e a ternura; este ano que finda nos obrigando a olhar o futuro sem esquecer o que aprendemos no passado; essa confraternização trazida pela expectativa de dias melhores em um Ano Novo; tudo isso será propício à nossa união para continuarmos lutando pela nossa felicidade e pelo que sonhamos para o nosso país, para a nossa categoria, para os nossos, para o nosso futuro.

Finalmente, este é também um tempo apropriado para pararmos um pouco e fazermos um balanço de nossa vida pessoal, afetiva, profissional e social. Tempo de refletir a respeito do que passou e do que passamos, do que conseguimos realizar – e até o que não conseguimos – pois é isso que nos dá a medida de nossas limitações e do que temos na bagagem para prosseguir na nossa busca. Otimistas, contemos as nossas bênçãos.

Podemos nos dar uma pausa e meditar a respeito da fé e da esperança, que se renovam todos os dias, principalmente quando estamos nos preparando para comemorar uma data que há 2005 anos mudou o mundo: o nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo. Lembremo-nos que as ações de uns poucos da Galiléia foram capazes de alcançar um mundo. Nós podemos fazer a diferença neste futuro tão próximo. Vamos, então, nos preparar com o espírito de solidariedade para festejarmos essa data magna, fortalecendo-nos e contribuindo, cada um de nós, para um Brasil e um mundo melhor, mais fraterno e justo, espalhando um sorriso, um abraço, ajudando o irmão que necessita, oferecendo nosso ombro para os que sofrem – tornando-nos irmãos: isto é Natal!

*Expressão cunhada pelo antropólogo Roberto DaMatta, em artigo em *O Globo*, 9 de novembro de 2005, p. 7, “Repetições”.

Os primeiros passos da alta-costura

1900-1918

Heloísa Rebello*



Charles Frederick Worth e o início da alta-costura

Até meados do século XIX, a produção de vestuário era um trabalho manual: os alfaiates confeccionavam o vestuário masculino, enquanto as costureiras e as modistas serviam ao público feminino. Qualquer peça de roupa era executada por medida e segundo as idéias de cada cliente. Todas as mulheres burguesas sabiam costurar e, em caso de necessidade, podiam confeccionar a roupa para toda a família. Nas famílias mais pobres estes dotes eram vitais, pois ninguém podia se dar o luxo de comprar roupa. A confecção apareceu em finais do século XVIII, época em que se começou a pré-confeccionar peças de roupa que não tivessem necessariamente de ser feitas exatamente à medida. As senhoras mais abastadas da burguesia podiam agora comprar peças de roupa pré-confeccionadas e adorná-las em casa. Poupavam, assim, o trabalho do corte, continuando a ter saias ou blusas cujos acabamentos feitos em casa, se adaptavam bem ao seu gosto pessoal.

Em meados do século XIX, Charles Frederick Worth, de nacionalidade inglesa, inventou a alta-costura parisiense, contribuindo para modificar o conceito de moda. Worth não confeccionava vestidos segundo os desejos das suas clientes. Criava coleções que apresentava depois às senhoras da sociedade, as quais só tinham de escolher o tecido entre as qualidades e os padrões que Worth lhes apresentava. Worth conseguiu concretizar os seus ideais de beleza e de elegância, tendo dessa forma conseguido a proeza de transformar o alfaiate num criador de moda e o artesão num artista. Worth já não fazia vestidos, fazia moda; vestia rainhas e princesas, atrizes e

burguesas abastadas. O seu gosto tornara-se o gosto padrão da alta sociedade, e as suas criações, sempre atuais, foram determinantes para a alta-costura até os anos 20, tendo mais tarde continuado a influenciar de forma significativa as criações de estilistas mais novos.

Alta-costura, *prêt-à-porter* e confecção

O conceito de alta-costura criado no século XIX foi por muito tempo sinónimo de moda. Hoje em dia, a alta-costura deixou de ser um fator económico importante da moda, sendo, no entanto, um forte fator publicitário, do qual depende a fama das grandes casas de moda. Em 1997, segundo a *Vogue* francesa, a alta-costura era responsável por apenas cerca de 6% das vendas, sendo o resto ganho com licenças e *prêt-à-porter*. A idéia e o termo foram inspirados pelo conceito norte-americano de *ready to wear*, que teve grande divulgação nos Estados Unidos da América a partir dos anos 40. Atualmente, o *prêt-à-porter* é o ramo economicamente mais importante das grandes casas de moda. Corresponde a um vestuário moderno, que continua a ser criado por um estilista, mas que é produzido e distribuído industrialmente e em grandes quantidades. Tal fato torna-o acessível a um número bem maior de compradores, ao contrário do que acontece com os modelos de alta-costura. Hoje, muitos dos estilistas mais conhecidos trabalham unicamente no ramo do *prêt-à-porter*. É o caso dos estilistas norte-americanos Calvin Klein e Donna Karan, ou da inglesa Vivienne Westwood. O objetivo é produzir peças de vestuário que tenham ótima aceitação, sempre inspiradas na moda mais recente e destinadas ao dia-a-dia dos consumidores.

Hoje, com o retorno dos ingleses ao mundo da moda (Alexander McQueen, Stella McCartney, John Galiano etc.), encerra-se, de certa forma, um ciclo: a alta-costura começou há cerca de um século com um inglês em Paris, Charles Worth. Hoje recebe novamente impulsos revitalizantes e importantes da parte de estilistas ingleses.

Paris continua a ser considerada a capital da moda. No entanto, o termo “moda” deixou de ser apenas sinónimo de “moda francesa”. Ao longo do século XX a moda transformou-se cada vez mais num fenómeno internacional no melhor sentido do termo.

*Heloísa de Jesus Rebello é professora aposentada da Faculdade de Educação da UFF e membro atuante da ASPI-UFF.



Editorial

Este mês em que comemoramos o Natal do Senhor, procuramos por notícias “bem leves”. Assim, *notas e comentários* privilegiaram assuntos pertinentes aos eventos da ASPI, em que o único “tom discordante” foi a nota triste do falecimento dos professores René Ildeu Valeriano Alves e Jorge da Silva Paula Guimarães, os quais procuramos homenagear, sabedores que as palavras nem de longe conseguem traduzir nossa emoção.

Neste boletim demos, ainda, continuidade aos assuntos eleitos para “viajarem” mensalmente conosco, como a homenagem ao Ano Internacional da Física – neste número apresentando mais uma contribuição da Prof^a. Isa Costa, a quem agradecemos –, e a Campanha da Fraternidade Ecumênica 2005. Além disso, prosseguimos com o interessante artigo a respeito da moda, da professora He-loísa de Jesus Rabello e, na seção *Debate*, com o Anteprojeto da Reforma Universitária...



CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2005 ECUMÊNICA:
SOLIDARIEDADE E PAZ – FELIZES OS QUE PROMOVEM A PAZ

Desenvolvimento Humano e Paz

(continuação)

AntonioBoeing*

Construção e efetivação da paz

Para a construção de uma paz saudável, onde reine e paz com todas as suas exigências e implicações, é preciso considerar três dimensões que são indispensáveis para o desenvolvimento da vida humana. A primeira é a questão da sobrevivência. Sem esta dimensão a vida torna-se truncada já no primeiro estágio do seu desenvolvimento; a segunda é a afetividade – manifesta-se na comunicação, no amor, é dimensão que possibilita estabelecer relações; a terceira é a racionalização e sistematização, é a que possibilita ter a noção de espaço e tempo, ou seja, a noção de história, dimensão típica do ser humano que o distingue de todos os animais. Todas essas dimensões são fundamentais para o desenvolvimento da vida, pois o ser saudável surgirá da integração entre elas, sem as quais não haverá paz.

Para agir permanentemente dentro dos princípios e prática da paz, é preciso aprender desde os primeiros instantes de vida. Aprendizagem a partir de experiências de solidariedade com o “outro”, com o “diferente”, para além do próprio grupo de “iguais”. São as experiências solidárias da partilha, trocas de saberes e de buscas que irão direcionar e amenizar a agressividade presente no ser humano. A educação tem a função de abrir caminhos para que cada ser humano nas suas ações veicule a paz. Esse processo exige aprendizado e convivência, como já bem afirmava o relatório da Comissão Internacional de Educação: Vivemos juntos em Harmonia Deve Ser o Fim Último da Educação no Século XXI.

A construção da paz não pode ser aprisionada dentro de perspectivas limitadas, pois este dinamismo deve estar aberto a todas as interrogativas e os porquês que o ser humano tem, seja no que se refere às razões de viver e morrer e ao sentido último da existência. Nesta perspectiva, o Ensino Religioso tem muito a contribuir, colaborando para qualificar a existência humana em todas as suas dimensões, como também auxiliar no processo de discernimento do que efetivamente é essencial para a vida.

Construir uma cultura de paz, sem dúvida, é um clamor urgente e exigirá mudanças significativas, principalmente por parte dos que consideram suas verdades absolutas, únicas e intocáveis. Só em torno de um projeto comum para a humanidade será possível articular as diferenças e avançar no diálogo e na construção da paz. A educação para a paz possibilitará superar o infantilismo presente em muitos indivíduos, grupos, instituições e nações, que agem dentro da lógica da onipotência ou impotência e, a partir dessa fragilidade, destroem o outro para garantir a sua sobrevivência.

A educação para a paz não pode prescindir de estar atenta a todas as fases do desenvolvimento humano e, quanto mais cedo oferecer referências, “modelos” significativos, mais e melhor condicionará o processo de assimilação, experimentação e a criação da vida. Agir dentro dos princípios do respeito, da solidariedade, do amor e da defesa da vida de todos os seres, em todos os momentos e circunstâncias, é uma aprendizagem desde o útero até o fim da vida.

*Antonio Boeing é licenciado em Filosofia, bacharel e mestre em Teologia, doutorando em Ciências da Religião e assessor do Departamento de Ensino Religioso da AEC (Associação de Educação Católica de São Paulo).

ASPI-UFF

DEZEMBRO 2005 - ano XIII - nº 11

Publicação do Departamento
de Difusão Cultural da
Associação dos Professores Inativos da
Universidade Federal Fluminense

Jornalista responsável:

Neusa Pinto – Reg. MTPS n.º 12.255

Equipe de redação:

Ceres Marques de Moraes,

Ana Maria dos Santos e Neusa Pinto

Data de fundação da ASPI-UFF:

14 de julho de 1992.

Sede:

Rua Passo da Pátria 19, São Domingos

CEP 24210-240 - Niterói, RJ

Tel.: 2622-9199 e

Telefax: 2622-1675

E-mail: aspiuff@urbi.com.br

ou aspiuff@veloxmail.com.br

Site: <http://users.urbi.com.br/aspiuff/>

Diretoria Biênio 2004/2006

Presidente:

Aidy de Carvalho Preis

1º Vice-Presidente:

Joaquim Cardoso Lemos

2º Vice-Presidente:

Lúcia Molina Trajano da Costa

1ª Secretária:

Magaly Lucinda Belchior da Mota

2ª Secretária:

Léa Souza Della Nina

1ª Tesoureira:

Dalva Regina dos Prazeres Gonçalves

2ª Tesoureira:

Celina Tavares Coelho da Silva

Conselho Deliberativo (membros efetivos):

Presidente:

Acrísio Ramos Scorzelli

Vice-Presidente:

Isar Trajano da Costa

1ª Secretária:

Teresinha de Jesus Gomes Lankenau

2ª Secretária:

Ilka Dias de Castro

Hilda Faria

Jorge Fernando Loretto

Luiz César Aguiar Bittencourt Silva

Maria Nylce de Mendonça Taveira

Salvador Alves Pereira

Sheilah Rubino de Oliveira Kellner

Conselho Fiscal (membros efetivos):

Presidente:

Maria Helena de Lacerda Nogueira

Vice-Presidente:

Rogério Benevento

Secretária Substituta:

Anna Pedreira Boechat

Maria Therezinha A. Lyra

Nésio Brasil Alcântara

Departamento de Assuntos Acadêmicos:

Nélia Bastos

Departamento de Saúde:

Maísa F. de C. Araújo

Departamento de Defesa de Direitos:

Acy de Paula Lobo

Departamento de Difusão Cultural:

Ceres Marques de Moraes

Departamento de Integração Comunitária:

Maria de Lourdes Caliman

Departamento de Lazer e Promoção Social:

Respondendo pelo expediente:

Léa Souza Della Nina

Gerência de Projetos Especiais:

Raimundo Nonato Damasceno

Projeto Gráfico:

Cecília Jucá de Hollanda

Revisão:

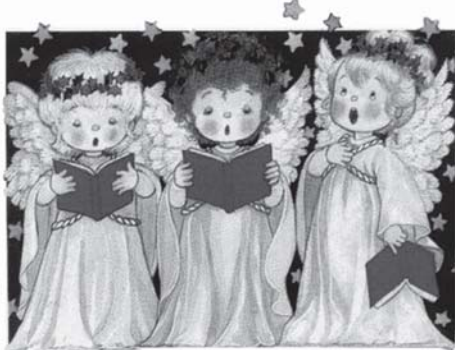
Damião Nascimento

Serviços Gráficos:

Gráfica Falcão

Notícias
BOLETIM INFORMATIVO DA ASSOCIAÇÃO
DOS PROFESSORES INATIVOS DA
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

ASPI abre seu Bazar Beneficente de Natal 2005



De 6 a 10 deste mês (de terça a sábado), das 10 às 18 horas, todos teremos uma ótima oportunidade de “adiantar” nossas compras natalinas, num ambiente refrigerado, muito festivo, sem correrias, com segurança e a preços para lá de convidativos, no Bazar Beneficente de Natal da ASPI.

Além de todas estas vantagens, teremos almoços, chás e lanches deliciosos...

Participem e divulguem. Tragam seus amigos! Afinal, além da ASPI, seremos os principais beneficiários...

ASPI recebe docentes da Área da Saúde da UFF

Os convidados do *Café-da-Manhã* de novembro foram os profissionais da área da Saúde: Medicina, Odontologia, Veterinária, Farmácia e os do Biomédico.

Foi uma manhã muito prazerosa, com presenças significativas e muito papo animado, que durou até quase a hora do almoço. No confortável salão, observou-se uma coisa curiosa: nitidamente, os convidados formaram duas “rodinhas”: o “clube do Bolinha” e o “clube da Luluzinha” (algum mais atrasado até se envolvia no outro grupo, mas, logo logo, ia fazer parte do seu “clube”...).

Na oportunidade, a ASPI ofereceu aos presentes um lindo cartão, cuja mensagem continha: “aos que se dedicaram e se dedicam de múltiplas formas a minorar nossas dores e nos dar qualidade de vida, nossos agradecimentos em nome de cada um que teve a sorte de ser cuidado por vocês, e o nosso desejo de que suas mãos sejam sempre abençoadas e sua mente cheia de luz!”.

Como essa área congrega profissionais que, mesmo aposentados da UFF, ainda estão na ativa particularmente, recebemos várias respostas e agradecimentos pela ausência plenamente justificada.

Mas, não podemos deixar em branco a “justificativa” da Dra. Laís Ribeiro de Alencar que, além de um gentil cartão – onde parabenizou a ASPI pela “dedicação ao belo trabalho” –, enviou um lindo ramallete de rosas.

Agradecendo a todos os participantes, enviamos um abraço muito especial, em retribuição, à professora Dra. Laís.



É no encontro que exercitamos o “nós”: freqüente a ASPI!

Terças Memoráveis se firma com atrações imperdíveis

Em nossa pauta do mês passado, não nos foi possível divulgar a programação de 13 de setembro, em que a ASPI preparou mais um momento de reflexão em seu projeto *Terças Memoráveis*. Nessa data, a professora Maria Therezinha da Fonsêca Passos P. Bittencourt, professora de Linguística no Instituto de Letras da UFF, doutora em Linguística pela USP e membro efetivo da Academia Brasileira de Filologia (ABF), apresentou-nos “Considerações sobre estrangeirismos na língua portuguesa”.

A palestra iniciou-se com reflexões relativas ao Projeto de Lei, em trâmite no Congresso, que proíbe a “contaminação” da língua portuguesa por expressões estrangeiras. O deputado Aldo Rebelo (do PCdoB) é o autor.

Na proposta, algumas dessas expressões seriam “banidas”, ou “aportuguesadas”. O projeto é considerado polêmico e xenófobo no meio acadêmico.

Simple e comunicativa, a Profª Therezinha partilhou seus conhecimentos, sua sólida argumentação crítica, em linguagem pedagógica e adequada. De certa forma, reconciliou seus ouvintes com o estudo da nossa língua, considerada difícil e inacessível. Apresentou os fatos da linguagem, a sua dinâmica, seu conteúdo subjetivo, variações e expansão – as estratégias que documentam o enriquecimento da língua portuguesa. A sua exposição interessante e ilustrativa, lembrou aos seus ouvintes o poeta: “as palavras não nascem amarradas... sob a pele das palavras há cifras e códigos...” (Drummond)

Apesar da chuva, das névoas de sempre, dos Aldos Rebeldes, do trem pagador do planalto e das viagens do presidente, vivemos “lições” de reflexão e encantamento. Frutos do trabalho, do entusiasmo, do amor declarado àquela - “última flor do Lácio, inculca e bela...”

Nota de falecimento

Com imenso pesar, comunicamos o falecimento dos professores **Renê Ildeu Valeriano Alves**, do Depto. de Desenho Técnico e **Jorge da Silva Paula Guimarães**, do Instituto Biomédico. Às famílias e amigos, nossos sentimentos e orações ao Pai, para que ambos estejam “no Reino que para todos nós Ele preparou”.

Filosofia, poesia e arte

Com este título, o professor Cósimo D’Ávila, professor titular de Filosofia da UFF, doutor pela Sorbonne, ensaísta e poeta apresentou sua palestra no projeto *Terças Memoráveis* no dia 27 de setembro passado, trazendo à luz temas interessantes esboçados com a simplicidade da conversa, num espaço privilegiado para o diálogo entre a filosofia, a arte e a poesia.

O professor Cósimo mostrou a arte como forma de resistência, como reflexão sobre as grandes questões humanas que abrem espaço à intervenção do saber, de novos saberes. A palestra foi ampliada com dados pessoais a respeito de sua formação acadêmica e apresentação de fontes bibliográficas que contribuíram para sua formação acadêmica.

Na conclusão, o professor anunciou a sua redescoberta da poesia, como fonte inspiradora de suas mais recentes pesquisas e de obra já concluída.

60 anos da 2ª Guerra Mundial: memórias de um sobrevivente

Na *Tarde Memorável* do dia 4/10, num misto de relato documental e emocionado, o professor Robert Preis contou aos presentes a saga de sua família e a de outras de sua aldeia, na Alemanha de Hitler. As suas memórias transformaram-se num retrato surpreendente das teias complexas em que se viu envolvido, que se completaram como eixos de uma história implacável – a história do III Reich. No seu depoimento, desfilaram as restrições, deslocamentos a que foram submetidos, não

só a sua família, mas também as outras de sua aldeia. O seu testemunho apresentou-se como um relato humano e amoroso de acontecimentos que precipitaram encontros e desencontros, tensões e sofrimentos do seu tempo, num mundo sem saída. O narrador escolheu e registrou fatos da sua infância e adolescência – num diálogo com o menino daqueles tempos, um “eu” que se pluralizou, “uma história de instantes que fogem como trilhos que se vêem da janela do trem...” (Clarice Lispector, 1973). Síntese do seu tempo – “o cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que aconteceu um dia pode ser considerado perdido na história”, diz W. Benjamin.

O Prof. Preis apresentou um belo processo de ramificações, um fluxo de ternura branda e nostálgica – na fibra da mãe, na ausência forçada do pai, condensando presente, passado, imaginário e real. Se o imaginário é tão real quanto a história – na realidade que soa como ficção, o desafio está lançado: escreva essa história, Prof. Preis. O que a memória ama fica eterno...



Uma homenagem especial para alguém muito especial

Pelos seus 88 anos, não poderíamos deixar de render uma carinhosa homenagem à querida Amiga da ASPI, dona **Clotilde M. Loureiro**, desejando-lhe muitas Felicidades, Saúde e Paz. Aproveitamos para agradecer-lhe a arte com que sempre nos tem brindado ao piano em nossos almoços ...

Um Sarau na ASPI...

O professor Robert Preis nos envia, por *e-mail*, mais esta interessante contribuição, que não podemos deixar de compartilhar com nossos caros aspianos:

“O sarau era mais uma homenagem ao dia e ao mês do professor. Até aí nada de mais, se não fosse pelo fato de vários dos cantores e cantoras serem “debutantes”: cantar, logo como “prata da casa” (que responsabilidade!) e pela primeira vez nesta longa vida e ainda perante um público seletto e, por isso certamente, crítico!

Daí podermos entender que a atmosfera era carregada e pesada que nem o ar de Niterói antes de uma frente fria com ciclone extratropical. As feições dos e das “debutantes” eram tensas como as de vestibulandos antes da primeira prova. Uns não conseguiram ficar sentados e andaram de ambiente em ambiente, mas um grupo grudou no gabinete da presidente como quem procura proteção da autoridade, mas a própria presidente da ASPI-UFF estava tensa, pois ela também iria cantar em público, pela primeira vez na sua vida.

Uma candidata à cantora murmurou: “Em que eu me meti! Se eu tivesse sabido...” e não conseguiu terminar a frase. Um outro, sentindo falta de ar e se plantando na frente de um extintor: “Isso aqui é uma bomba de oxigênio?” E uma outra: “Eu me sinto qual aluna de jardim de infância que obrigaram a participar numa peça de teatro infantil e da qual vão dizer, com certeza: “Que gracinha!” – Só que tenho 74 anos!”

Chega o grande momento: acompanhados pelo maestro Joabe ao piano, canta cada um, ou cada uma, sua música. A maioria canta bem, só poucos desafinam. (Depois do espetáculo, um cantor declara categoricamente: “Desafinar não é problema de quem canta, é problema de quem está ouvindo”.)

O público é gentil e aplaude calorosamente a todos. Uns cantores, no seu nervosismo, esquecem de agradecer, como é de praxe, entre artistas. Um, aliviado, mas ainda tremendo, diz, ao sair rapidamente do palco: “Acho que estou com Parkinson!” E outro: “Eu também já tenho um encontro marcado com um médico alemão”. O primeiro: “Com o doutor Fritz?” “Não, com o doutor Alzheimer!”

Como se vê, o ambiente estava agitado e só se acalmou quando o coral “Cantar é viver”, também sob a regência do mestre Joabe, cantou quatro lindas músicas. Depois dos merecidos aplausos e, já durante um lauto lanche, os novatos “mestres cantores” passam cada um a contar, sempre de novo, a tão importante experiência da sua vida...

Um dos mais exaltados chegou a anunciar em voz alta: “Deixei meu cartão com minha esposa, para qualquer eventualidade!” Mas quando um iniciou a sua fala com aquele chavão: “Voltando à vaca fria...” um outro o advertiu: “Nada de vaca fria, ela pode estar com aftosa...”

Paraty recebe dançarinos da ASPI

De 21 a 23 de outubro passado, o grupo do curso de dança do Prof. Tales e convidados (que inveja...!), comemorando um ano da *Tales Toscano Turismo*, visitou a belíssima Paraty.

Ao caro professor, um grande abraço pelo “aniversário” de sua empresa, com votos que ela possa cada vez mais distribuir alegria...



Leitura de Obasan em Terças Memoráveis

No dia 8 de novembro, a Profª. Nélia Bastos, professora de Literatura Inglesa/UFF e diretora do Dep. de Assuntos Acadêmicos da ASPI, teceu “Considerações sobre o romance *Obasan* – a história dos japoneses e descendentes, na 2ª Guerra Mundial, no Canadá”, de Joy Kohawa (Ed. Penguin, 1981).

O romance retrata a história encarnada no texto, não como linearidade, mas como fragmento, alegoria propulsora dos fatos que se seguiram após o ataque a Pearl Harbour, em 1941. Os japoneses chegaram ao Canadá, como imigrantes, em 1893. O romance abrange três gerações de construtores navais, músicos, professores, médicos, homens do mar. Após 1941, tornam-se “o perigo amarelo”, “o fedor nacional”. Passam a ser discriminados, enviados a “campos de relocação”. Sofrem confiscos, internamentos e perdas, oficializados por atos governamentais.

Escrito em uma época em que essas violências eram negadas pelo governo, *Obasan* denuncia a atitude afásica geral em relação aos preconceitos, injustiças e discriminações. O fracasso do sistema colonial e conseqüências.

Ao trazer à baila os párias japoneses do romance, a palestra suscitou associações com o nosso mundo atual. Entre a arte e a realidade, *Obasan* põe em jogo reflexões sobre as culturas invisíveis, os povos excluídos. No coquetel explosivo que se abate sobre a França – no estouro da *banlieu** que mistura racismo, discriminação social, exclusão e desemprego – da chamada “escória da periferia”, repete-se o drama de imigrantes que ocuparam setores da produção num mundo de economia global excludente. Um sistema “colonial”, em que esses conflitos tornam-se mais intensos e violentos. *Obasan* configura-se como um romance histórico universal, um espelho de fatos, cada vez

**banlieu*: periferia, subúrbio.

mais próximos e ameaçadores...

A técnica narrativa de Joy Kogawa, a delicadeza de sua prosa poética reflete não apenas uma voz, varrida pelos ventos da sua poesia, da sua imaginação inquieta e fértil. Ela surge como um fundo de luz na escuridão dos medos, das âncoras, na vaguidão e na poeira. Riquezas da literatura – portas de abrir e fechar, partilhadas em uma manhã de chuva, névoa e frio.

Pavilhão Maria Delque

Numa singela e merecida homenagem póstuma, por iniciativa do Sr. Secretário Municipal de Ação Social (RJ), Marcelo Garcia, no último dia 14 de outubro, a professora Maria Delque dos Santos Sardinha teve seu nome dado ao Pavilhão de acolhimento de homens desabrigados (CEMASI), reflexo do dedicado trabalho que a saudosa professora desempenhou durante muitos anos com mendigos de rua.

Monotopia: uma técnica revivida

No dia 18 de outubro passado, tivemos mais uma sessão de nosso projeto *Terças Memoráveis*. Na ocasião o Prof. **René Ildeu Valeriano Alves**, com a generosidade que lhe era peculiar (partiu há pouco, e já nos faz saudosos...), dividiu, com os presentes, a técnica em que tão bem soube criar lindas obras, muitas das quais presenteadas entre seus inúmeros amigos. Falou a respeito da técnica de monotopia, ensinando segredos...

Nas palavras da Profª Nélia Bastos, “observamos a imensidão de imagens, a arte do instante que passa, a luz, o fluxo das cores que se sobrepõem, nas misteriosas e imprevisíveis conexões imaginativas do artista. O professor René apresentou seus quadros como um manifesto da sua confissão de fé, da sua visão estética. Tudo palpita, porque possui sua alma secreta: gravuras de folhas, veios de madeira, galhos, flores, janelas e casario de Ouro Preto. Na sua exposição, o professor René destacou a co-existência da poesia com outras artes: como um sistema, uma constelação. A imaginação ativa, a *imagination* de Coleridge. O infinito EU EXISTO”.

Esta palestra foi sua última participação entre nós. Assim, nada mais justo que façamos um **Tributo ao Prof. René Valeriano**



“A Ponte entre a Vida e a Arte”

Nós, seres humanos, vivemos na atualidade do mundo, repletos de preocupações e com tantos compromissos a realizar, que não nos damos conta de como a vida é importante e tão necessária à existência dos amigos para compartilhar as alegrias e desventuras.

Movidos pela reflexão sobre a relevância da amizade e do convívio fraterno com aqueles que

constituem referência para nós, é que consideramos oportuno e justo lembrarmos-nos com afeto, do nosso estimado e saudoso amigo professor René Ildeu Valeriano Alves.

Cada um de nós precisa de um referencial de exemplo, de modo a ajudar-nos a viver melhor e para que tenhamos fé no amanhã e estímulo necessário para suportarmos as lutas e dificuldades cotidianas. Muitas vezes, encontramos amparo em alguém, que com sua coragem e fé transmite-nos compreensão e generosidade, otimismo e perseverança, além de possibilitar-nos a percepção de novas perspectivas, dispondose a dispensar-nos atenção e apreço, ouvir nossos problemas e compartilhar da inteligência na busca de soluções e caminhos a trilhar pela vida.

E é nesse contexto que lembramos com a saudade do coração do nosso querido Prof. René Valeriano, recentemente falecido, a quem homenageamos como um verdadeiro “Mestre da Vida e da Arte”. A plenitude de sua existência constitui para todos nós um raro exemplo de amor à vida, pois aqueles que tiveram a oportunidade e o privilégio de conhecê-lo e de compartilharem da sua personalidade de humanista constataram seu notável Entusiasmo em propor idéias e realizar seus projetos e obras. Além de sua admirável capacidade de superar e vencer desafios, em especial, as inúmeras dificuldades diante dos problemas de saúde, que soube como pouco, enfrentar, com uma fé inabalável e tenaz força interior, sempre movido pelo “Entusiasmo e Vontade de Viver”.

Etimologicamente, Entusiasmo significa “arrebato pela vida”, o sentido de buscar o “sagrado da ligação com Deus”. Quando amamos e acreditamos do fundo de nossa alma em algo, nos sentimos mais fortes que as dificuldades do mundo, e somos tomados de uma serenidade que vem da certeza de que nada poderá vencer nossa Fé em Deus e no mundo por Ele criado.

Assim, torna-se natural compreendermos que o “Entusiasmo e a Vontade da Vida” faziam parte da personalidade do Prof. René Valeriano, tanto que, certa vez, ouvimos dele a emocionada confiança de que nos momentos mais difíceis vivenciados pelos limites impostos pela sua doença, recorreu ao conforto da leitura da Bíblia Sagrada e encontrara escrito em Gênesis, Capítulo 1, Versículo 27: “Deus criou o homem à sua imagem e semelhança”. Só então, foi possível a ele compreender que ele era mais do que estava sendo naquele momento e pudera perceber que sua luz interior era intensa, proveniente de Deus e, que ainda poderia superar os limites impostos pelos desígnios da Providência Divina.

A partir da revelação do significado e da compreensão da Palavra de Deus, o Prof. René Valeriano passou a encontrar um novo Ânimo e Entusiasmo pela Vida, superando seus limites a cada momento, graças a Deus e com a ajuda e incentivo dos seus familiares e amigos.

Quantas emoções e momentos vivenciados em plenitude, cada dia um dia, cada dia uma lição fora aprendida no seu caminhar, trilhando cada passo com “Sabor de Vida” em busca da felicidade.

Ao encontramos nossos caminhos, vimos no Prof. René Valeriano a possibilidade de estarmos pertos da felicidade, aproximados de uma vida plena. Muitos de nós que convivemos com ele, tanto no trabalho como na vida pessoal, constatamos que ambas se mesclavam por completo, pois a Vida é uma só.

Pontes foram construídas por ele, e mais que pontes e estradas de concreto, foram realizadas “Pontes de Estradas de Vida”, pois pessoas foram orientadas e instruídas pelo nosso Mestre, formando profissionais com ética e capacitação técnica. Uma família ele formou e não somente de natureza consangüínea, mas uma família de muitos jovens profissionais, que com amor e dedicação ele orientou e sempre observou os seus caminhos.

E dentre alguns desses caminhos, que o Prof. René soube muito bem expressar a presença do Amor de Deus através da inspiração de sua Arte. E a Arte, pode ajudar muito o ser humano a se encontrar e possibilitar viver mais plenamente sua existência neste mundo.

Como a Vida se entrelaça muito com a Arte, a extensa e variada obra artística do Prof. René Valeriano deixa-nos um legado caracterizado pela singular qualidade estética, resultado de todo um trabalho de acurada observação e de todo um conhecimento de pesquisas de materiais e técnicas; dentre estas, destacamos as suas belíssimas Monotopias.

Saibamos então todos nós, ao lembrarmos o nosso prezado Prof. René Valeriano, que precisamos viver cada instante pensando no Bem e, mais ainda, cultivando sempre o Amor em nós para compartilharmos com os nossos irmãos a certeza de que a Vida e a Arte podem representar caminhos de Paz e Felicidade.

Elisa Maria e Jorge Crichyno

Homenagem póstuma ao professor Jorge da Silva Paula Guimarães

Ao grande Chefe, grande saudade...

Jorge, o que aqui está escrito é do mais profundo do nosso sentimento, escrito por nós, os que ainda aqui estão, e por certo também seria da concordância daqueles que também já se foram...

Você, humanista convicto, preocupado com causas sociais e nacionais, professor emérito da UFF, foi um baluarte do ensino, tendo sido titular da cadeira de Histologia, Citologia e Embriologia do Instituto Biomédico da UFF, diretor do Instituto de Biologia e do CEG, pesquisador do Instituto Oswaldo Cruz, professor na UnB, entre outras atividades.

Em nossas lembranças dos anos de convivência, você, mais que chefe, foi um amigo a quem sempre podíamos recorrer em momentos de dúvidas, despertando em todos sentimentos de gratidão, pela sua maneira gentil e patriarcal com que nos tratava. Fluente, bem-humorado, tinha como tônica estimular seus alunos, que se empolgavam com suas aulas.

Mas, sua carreira na universidade, após vir da UnB, não ficou restrita aos bancos escolares: precisava contribuir para o



engrandecimento de nossa UFF, razão por que, inclusive, candidatou-se a reitor. Com visão de futuro, ainda em atividade, participou intensamente das discussões relativas à criação de entidade, como a ADUFF e a ASPI-UFF.

Naqueles tempos, a proposta da criação da ASPI sofreu uma série de incompreensões por parte de muitos docentes, que não conseguiam alcançar a razão motivadora de uma nova instituição. Seria uma duplicata da Associação dos docentes...? Sem uma análise mais profunda, combatiam a idéia. Nesse momento, você e outros foram valentes defensores dessa causa, e, mesmo indo contra seus pares, lutaram bravamente pelo direito de existência do que viria a ser a nossa ASPI, em tudo contribuindo para sua fundação. Foi seu primeiro presidente, assim como também da ADUFF (hoje ADUFF-Ssind).

Viveu plenamente seus 80 anos, deixando no meio de seus amigos uma grande lacuna.

Felizes os que por aqui passam e deixam a sua presença marcada...

Artigo Artigo Artigo



Prof^ª Isa Costa*



O fato de a ONU ter decretado 2005 como o Ano Mundial da Física foi naturalmente resultado de alguma pressão da comunidade científica da área. Mas por que este movimento? Seria esta honraria relevante para a sociedade mundial? As respostas estão implícitas no objetivo do evento: *chamar a atenção dos jovens para a importância e o impacto da Física no mundo contemporâneo*. Além disso, há a justificativa dos 100 anos da publicação dos principais trabalhos de Albert Einstein que tiveram papel fundamental para o desenvolvimento científico e tecnológico dos dias atuais. Contudo, ainda se pode perceber implicações mais sutis. Nas palavras do físico Marcelo Gleiser, recentemente, na *Folha de S. Paulo*: “... É preciso combater o obscurantismo com a luz da ciência e da razão.” Desta forma fica melhor situada no tempo a conveniência deste ano ser celebrado pela Física. Em quase todos os países, nas universidades, centros de pesquisa, museus de ciência e diversas instituições, atividades foram programadas com os mais variados enfoques. No Brasil, o Ministério da Ciência e Tecnologia gerenciou recursos através da FINEP que os repassou à Sociedade Brasileira de Física, que por sua vez selecionou 150 projetos de todo o país. Dentre esses, 14 eram do RJ e o do Instituto de Física da UFF (IF-UFF) foi contemplado com cerca de 3% do montante total disponível. Pode-se avaliar que o Ano Mundial da Física foi digna e intensamente comemorado, tanto

nacional – em mais de 120 eventos de grande amplitude – quanto localmente – em 17 palestras, 2 exposições, 2 mesas-redondas e 2 eventos marcantes: a II Semana Nacional de Ciência e Tecnologia e a II Escola de Física da UFF.

Cabe destacar que, ao longo de todo o ano, nas mais diversas atividades, houve uma interação bem estreita com a comunidade escolar de Niterói e municípios vizinhos. Como decorrência da organização de qualquer festividade, ganhou-se em qualidade de convívio entre docentes e docentes-alunos-funcionários técnico-administrativos; vivenciou-se um sentimento de equipe, de estar fazendo o melhor e de mostrar isso para a sociedade. Esta foi uma oportunidade ímpar de se exercitar o tão propalado compromisso social da Universidade Pública para com o povo contribuinte de impostos do país. Na UFF as comemorações se encerraram em 17 de novembro, mas muitas atividades poderão e deverão ser mantidas no calendário do IF-UFF. Parabéns Einstein, pelo centenário de seus trabalhos! Obrigada por tudo! De parabéns estão também todos os colegas que muito se empenharam para que os eventos tivessem o sucesso alcançado!

*Isa Costa é professora da UFF no Instituto de Física; Mestre em Física, na área de Física Nuclear; membro do Grupo de Pesquisa em Ensino de Física do IF-UFF, realizando trabalhos sobre as formações inicial e continuada de professores e propostas para o ensino na escola média. E-mail: isac@if.uff.br

Na edição anterior, transcrevemos, da terceira versão do **Anteprojeto da Educação Superior** do MEC (29/7/05), dentro dos *Pressupostos políticos e acadêmicos*, na seção “A educação como direito e bem público”, as Razões do Estado. Em continuidade, apresentamos as Razões da Sociedade:

ANTEPROJETO DA LEI DA EDUCAÇÃO SUPERIOR: PRESSUPOSTOS POLÍTICOS E ACADÊMICOS

A educação como direito e bem público

Razões da Sociedade

Se as razões do Estado em promover políticas de autorização, avaliação, e supervisão de instituições de ensino superior são legítimas e pertinentes, atendendo ao interesse público é preciso considerar também a importância das razões da sociedade, que se beneficia diretamente da boa educação superior ou sofre os efeitos do ensino de má qualidade.

Em outros termos, é em relação à formação adequada dos profissionais que servem à sociedade que se torna importante a supervisão do Estado sobre a educação superior, tanto pública como privada. Essa aceção dá base de legitimação para o sistema nacional de avaliação da educação superior e sustenta os requisitos previstos no Anteprojeto para autorização, credenciamento, renovação de credenciamento e descredenciamento de instituições ou cursos.

Cabe ao Estado proteger a sociedade da ação perniciosa de instituições de educação superior que não formam bons egressos. Os serviços prestados por graduados de nível superior, quando de má qualidade, causa riscos à sociedade e prejuízos aos cidadãos. Então, o sistema de avaliação

da qualidade e os efeitos regulatórios dela decorrentes a serem exercidos pelo Estado é uma ação preventiva em benefício da coletividade. Por sua vez, ao exercer a regulação e a supervisão à luz dos resultados da avaliação, instituída pela Lei no 10.861, de 14 de abril de 2004, o Estado atua em defesa do interesse público.

Cabe ao Poder Público assegurar que as instituições, públicas e privadas, cumpram sua função acadêmica e social.

Nessa perspectiva, é de grande importância que as políticas de Estado dimensionem adequadamente a expansão de ensino superior público no interior do país para dar uma resposta justa e legítima para os jovens nelas nascidos e que, pelo menos, com a sua formação possam contribuir para o seu desenvolvimento social e cultural, buscando novas inserções no mercado do trabalho. As associações entre o poder público, no plano local, e a iniciativa privada, sob supervisão do Estado, poderão orientar em quais áreas de conhecimento prioritárias esse investimento poderia ocorrer de forma a expandir e a atender melhor às demandas dos estudantes por educação superior.

(continua no próximo número)

Aniversariantes



Dezembro

Parabenizamos os queridos aniversariantes, desejando que as bênçãos do Menino-Deus, cujo nascimento lembramos neste Natal, caiam sobre todos, suas famílias e amigos.

- | | | | |
|----|-------------------------------------|-------------------------------|-------------------------------------|
| 1 | Thales Ribeiro de Magalhães | Herta Laszlo | Maria José Miranda Tavares Bastos |
| 2 | Sônia de Lima Cavalcanti | Luzia de Maria Rodrigues Reis | Maurício Rivera Monteiro |
| 3 | Antonio Rodrigues de Freitas Junior | 13 | Maria Nazareth dos Santos Sucupira |
| 4 | Hugo Faria | 15 | Clecyldes Mendes Pereira |
| | Mariney Klecz Ribeiro | 16 | Francisco Jose dos Santos Ferraz |
| | Marly da Silva Santos | | Lucia Adriana Anhel |
| 6 | Geraldo Chini | | Nelzir Trindade Reis |
| | Maria Alice Bessa Lippmann | 17 | Maria da Conceição Souza |
| 7 | Arthur Roberto Henriques N. Motta | 19 | José Bullos Seba |
| 8 | Gilberto Soares Vargas | 20 | Jurésia Mendonca de Souza |
| | Heloísa de Jesus Rabello | | Léa Souza Della Nina |
| | Maria Lopes Bittencourt da Silva | | Maria Eny de Paula Bartholo |
| 10 | Fátima Cunha Ferreira Pinto | | Myrtila Cavalcanti Pereira da Silva |
| 11 | Antonio Álvaro da Cunha e Silva | 21 | Jose Lisboa Mendes Moreira |
| | Maria Cândida de A. Domingues | | Luiz de Gonzaga A. Baptista Pereira |
| 12 | Adelheid Mason | 22 | Maria Angelina do Valle |
| | | | Maria José Miranda Tavares Bastos |
| | | | Maurício Rivera Monteiro |
| | | 23 | Bernardette Bittencourt da Fonseca |
| | | 24 | Maria Teresa Teixeira de Ávila |
| | | 25 | Nazira Abache Tomimura |
| | | | Satiê Mizubuti |
| | | 27 | Gilberto Marzano |
| | | | Haydée Serrão Lanzillotti |
| | | | Helena Maria Osório Leão e Silva |
| | | | Maria José Lima de Jorge |
| | | 28 | Lucia Helena de Oliveira Vianna |
| | | 29 | Maria Ângela Magalhães de Oliveira |
| | | 30 | Constante Jardim de Araújo |
| | | | Jesus de Alvarenga Bastos |